

**José Saramago: *O Caderno*.  
Porto: Porto Editora, 2018, 376 pp.**

*José Barbosa Machado* (UTAD / CEL)



*O Caderno*, inicialmente publicado em dois volumes pela Editorial Caminho em 2009 (*O Caderno* e *O Caderno 2*), é a compilação de textos que José Saramago foi disponibilizando num *blog* anexo ao *site* da sua Fundação entre setembro de 2008 e novembro de 2009. É a primeira e única experiência do escritor no meio virtual.

O volume abre com um prefácio de Umberto Eco, que nalgumas passagens não é muito abonador para com o autor e à obra. Eco critica-lhe o comunismo militante e anacrónico, o antisemitismo presente no ódio a Israel e o ateísmo obsessivo. Explica o autor de *O Nome da Rosa*: «ninguém leva em conta

que, quando fala de Israel, Saramago pensa em Jahvé, “Deus feroz e rancoroso”, e neste sentido não é mais antisemita do que antiariano e certamente anticristão, dado que para todas as religiões procura ajustar contas com Deus – que evidentemente, chame-se como se chamar nas várias línguas, não cessa de o importunar. E ser importunado por Deus é certamente motivo de ira furibunda contra todos os que dele fazem armadura» (Eco 2018: 16-17). Acerca da afirmação de Saramago, de que «se fôssemos todos ateus viveríamos numa sociedade mais pacífica», Umberto Eco confessa que não tem a certeza «de que tivesse razão», acrescentando que o cardeal Ratzinger (Para Bento XVI) lhe teria respondido que «de tal premissa tenham resultado as maiores crueldades e violações da justiça» (Eco 2018: 18).

A opinião de Eco sobre estes *Cadernos* não deixa de ser irónica: «eu diria que nestes escritos Saramago continua a fazer a experiência do mundo tal como desgraçadamente ele é, para depois o rever a uma distância mais

serena, sob a forma de moralidade poética (e às vezes pior do que é – embora pareça impossível ir mais longe» (Eco 2018: 19).

Os textos, geralmente curtos (a maioria não ultrapassa uma página), abarcam temas como a literatura (Fernando Pessoa, Carlos Fuentes, Jorge Amado, Agustina, Aquilino, Leituras para o verão, Gabo, Borges, Ángel González, Miguéis, António Machado, Gonçalo M. Tavares, Dario Fo, Dois escritores, etc.), viagens (No Brasil, Em Castelo Novo), cinema (Cinco filmes, Charlot, Almodóvar), música (Chico Buarque de Holanda, Carlos Paredes, Maria João Pires), religião (Deus e Ratzinger, Dogmas, Ceia, Das pedras de David aos tanques de Golias, Vaticanadas, Ateus, Direito de pecar, etc.), mas centram-se sobretudo no comentário político. Mais de 60% do volume é dedicado a questões políticas, em que Saramago faz questão de frisar de que lado está: do lado da esquerda comunista e militante. Tudo o resto, sejam ideias, personalidades ou acontecimentos, é motivo da sua raiva e indignação. George W. Bush, Aznar, Berlusconi, Sarkozy, Barack Obama, Bill Clinton, Natayahu, Álvaro Cunhal e Jorge Sampaio são alguns dos políticos zurzidos ou enaltecidos pelo autor.

Berlusconi, o polémico primeiro-ministro italiano, teve direito a três textos. No primeiro, Saramago dá azo ao seu desprezo: «na terra da máfia e da camorra, que importância poderá ter o facto provado de que o primeiro-ministro seja um delinquente?» (2018: 34). E acrescenta: «Numa terra em que a justiça nunca gozou de boa reputação, que mais dá que o primeiro-ministro faça aprovar leis à medida dos seus interesses, protegendo-se contra qualquer tentativa de punição dos seus desmandos e abusos de autoridade?» (2018: 34). Para realçar o desprazer, refere ainda que Berlusconi «é amigo, colega, compincha do ainda presidente dos Estados Unidos [George W. Bush]. Estão bem um para o outro» (2018: 34). A demagogia de Saramago aqui é flagrante. Esqueceu-se de acrescentar que Berlusconi é também amigo de Putin, o presidente da Federação Russa e ex-agente da KGB, que, em prepotência, desmandos e malvadez, ganha aos pontos ao primeiro-ministro italiano. Aliás, achamos estranho que Saramago não tenha uma única palavra de condenação para os desmandos do ditador russo, entre eles os que o próprio Saramago critica a Berlusconi, como a aprovação de leis à medida dos seus interesses e os abusos de autoridade. A ideologia é cega e Saramago perde, infelizmente, toda a autoridade neste tipo de indignações, formatadas pelo comunismo militante de que nunca conseguiu livrar-se. São conhecidas as suas posições em relação a Fidel Castro e aos ditadores da Coreia do Norte.

Num dos textos, conta Saramago que José Mário Silva, na crítica ao primeiro volume de *O Caderno* publicada no *Expresso*, afirma que ele não é um verdadeiro blogger, pois não faz *links* nem dialoga diretamente com os leitores. O escritor concorda. Porém, o que mais o indignou foi o crítico tê-lo acusado «de um suposto simplismo nas análises dos problemas» e de «alegados excessos de indignação» (Saramago 2018: 302). E pergunta se haverá limites para a indignação.

Este volume conjunto de *O Caderno*, embora com textos muito interessantes do ponto de vista cultural, literário e até de comentário de algumas atualidades à época em que foram redigidos, peca pelo extremismo político e pela indignação, exacerbada pela ideologia comunista militante, criticados aliás por Umberto Eco e, de certo modo, por José Mário Silva no *Expresso*. Saramago foi, nos dois últimos anos de vida, um escritor azedo, cada vez mais extremista e tendencioso. O mundo não era aquilo que idealizara nos anos 70 do século passado, em que a utopia socialista daria «paz, pão, habitação, saúde, educação» para todos, segundo a canção de intervenção de Sérgio Godinho de 1975.